

O que você reflete?

Por Julia Guimarães¹

São José dos Campos, sábado, 1º de setembro, 10h da manhã. Na porta do Museu Municipal, o performer Felipe Vasconcellos (Fe Vas), do Rio de Janeiro, inicia seu minucioso ritual de preparação. Ao longo de mais ou menos 1h, seu rosto e pescoço vão sendo cobertos, lentamente, por centenas de pequenos quadrados de espelho, com a ajuda de sua assistente Juliana Vieira de Souza. É também esse material que cobre o terno, a calça e o enorme salto que Fe Vas veste antes de iniciar sua deambulação pelo centro da cidade. A derradeira etapa da preparação consiste em eliminar quase por completo suas possibilidades de uso da fala e da visão: duas grandes tiras de espelhos são coladas sobre o rosto do performer, na altura da boca e dos olhos.

É esse o corpo-dispositivo que surge na performance urbana “Reflexos – ensaios sobre o vazio”, apresentada na programação do 33º Festivale. Como o próprio título sugere, trata-se de um corpo que busca despir-se dos modos habituais de estar no mundo para abrir-se radicalmente às contaminações do entorno, de modo a servir de espelhamento ao que nos cerca.

Em aproximadamente duas horas de percurso, acompanhamos Fe Vas por alguns dos pontos centrais da cidade: a Praça Afonso Pena, o Calçadão, o Mercado Municipal e o Museu de Arte Sacra. Em sua caminhada, intercalada por breves pausas, a presença do performer acaba por dar foco ao cotidiano daquele território e dos que cruzam seu percurso: feirantes, figuras da política local, passageiros no ponto de ônibus, vendedores, pedintes ou curiosos de plantão.

Há pelo menos três aspectos surgidos na interação desse corpo-espelho com o espaço urbano de São José dos Campos que parecem emblemáticos à proposição cênico-conceitual da performance. Em primeiro lugar, há um jogo de reflexos que não entrega ao “público” aquilo que se espera de um corpo

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista. É pós-doutoranda em Artes Cênicas na UFMG - onde atua como professora colaboradora - e concluiu seu doutorado na mesma área pela ECA/USP.

espelhado: a imagem de quem mira. Isso porque os fragmentos de espelho colados no corpo do performer oferecem um mosaico igualmente fragmentado e inconcluso a respeito do entorno.

Ao tentar enxergar-nos nesse corpo, o que vemos é um emaranhado disforme de cores e pedaços de imagens que criam uma espécie de pintura abstrata do espaço, na qual as tonalidades aparecem em primeiro plano, texturas surgem sobrepostas e os contornos deixam de ser nítidos. Há, ainda, um jogo sofisticado com o próprio reflexo da luz do sol, que passa incidir sobre os lugares por onde passa o performer.

O modo como o entorno surge refletido nesse corpo-espelho poderia sugerir, por exemplo, essa dimensão caótica e múltipla que caracteriza o próprio espaço urbano das cidades contemporâneas, onde a sobreposição de estímulos e informações leva a uma impossibilidade de apreensão unívoca da realidade.

Ao mesmo tempo, o corpo-espelho de Fe Vas funciona também como um dispositivo de enquadramento e ampliação sobre os modos como nos relacionamos com o insólito no espaço urbano. Nesse sentido, parece sintomática a forma de interação escolhida por boa parte dos transeuntes que cruzavam com o performer: aquela mediada pelo registro fotográfico em seus aparelhos celulares.

Seja por meio dos tradicionais selfies ou de fotos tiradas por terceiros, o anteparo da tela e da virtualidade da imagem pareciam estar ali para recalcar qualquer possibilidade de experiência direta com a alteridade daquele corpo na rua, cuja estranheza desautorizava um contato não problemático. Era também interessante a postura escolhida por Fe Vas para contrapor-se sutilmente a esse modo espetacular de interação: quando solicitado a aparecer em fotos, girava o corpo em direção ao seu interlocutor, o que poderia ser lido como certo apelo a uma interação direta.

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista. É pós-doutoranda em Artes Cênicas na UFMG - onde atua como professora colaboradora - e concluiu seu doutorado na mesma área pela ECA/USP.

Trata-se de uma imagem reveladora não apenas para pensar nos tantos dispositivos tecnológicos que cada vez mais mediam nossa relação com o mundo, mas também sobre como as chamadas artes vivas têm valorizado justamente aquilo que se perde nesse tipo de experiência: o convívio presencial, com seus riscos e imprevisibilidades.

Igualmente revelador foi o uso do sapato de salto alto, que Fe Vas testou pela primeira vez na apresentação realizada no último sábado. Além de trazer uma qualidade instável de presença – devido ao tamanho do salto – o calçado possibilitou um desdobramento a mais sobre as relações de estranhamento e alteridade que atravessam a performance. Isso porque o uso da peça, fortemente associada ao universo feminino, colaborava para produzir um corpo híbrido também no que se refere às suas construções de gênero.

Ao explorar um corpo sem traços faciais, paramentado simultaneamente com terno e com salto, o efeito antevisto pelos comentários dos transeuntes era o de uma curiosidade, acompanhada por certo incômodo, sobre o caráter inconclusivo da identidade daquela figura. A necessidade de classificar o performer dentro das categorias binárias de gênero – homem/mulher – foi, possivelmente, a reação mais recorrente a respeito da performance apresentada no Festivale. O que também pode ser visto como reflexo de uma discussão muito presente na esfera pública atual que diz respeito às disputas entre os que desejam normatizar e aqueles que lutam para ampliar a ideia de gênero, seja no campo social, político ou jurídico.

Ao propor um corpo que funciona mais pelo princípio relacional do que identitário, o que a performance torna visível é também o modo como lidamos com a própria ideia de alteridade. A necessidade de estabilizar identidades e um certo receio de relacionar-se com o desconhecido podem ser vistos como metáfora em si para as concepções filosóficas hegemônicas do mundo ocidental no que se refere à relação com o Outro.

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista. É pós-doutoranda em Artes Cênicas na UFMG - onde atua como professora colaboradora - e concluiu seu doutorado na mesma área pela ECA/USP.

Nesse sentido, seria possível inclusive tecer uma ponte entre a performance de Fe Vas vista na manhã de sábado e a palestra do artista e pesquisador Renato Ferracini apresentada na tarde do mesmo dia, centrada na noção de corpo proposta pelo filósofo Spinoza (1632-1677). Nessa concepção, o corpo deixaria de ser vinculado à perspectiva humana e identitária para ser pensado em função da rede de relações que estabelece, do modo como afeta e é afetado por outros corpos e pelo grau de potência produzido nessas interações.

Trata-se de uma concepção que exige certo esvaziamento de noções identitárias pré-estabelecidas para permitir a porosidade necessária ao encontro efetivo com o outro. Dentre as muitas concepções cênicas e conceituais possíveis para dialogar com tal perspectiva, Fe Vas escolheu a metáfora do reflexo, potente para evidenciar um 'eu' que já é sempre, necessariamente, fragmento de outros, em processo de constantes e infindáveis mutações.

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista. É pós-doutoranda em Artes Cênicas na UFMG - onde atua como professora colaboradora - e concluiu seu doutorado na mesma área pela ECA/USP.